

LUÍS DE CAMÕES

LÍRICA COMPLETA I

prefácio e notas de  
MARIA DE JURDES SARANA

BIBLIOTECA  
DE AUTORES  
PORTUGUESES

A ùa dama que estava doente.

**MOTE**

Da doença em que ardeis  
eu fora vossa mezinha  
só com vós serdes a minha.

**VOLTAS**

É muito para notar  
5 cura tão bem acertada,  
que podereis ser curada  
somente com me curar.  
Se quereis, Dama, trocar,  
ambos temos a mezinha:  
10 eu a vossa, e vós a minha.

Olhai que não quer Amor  
(por que fiquemos iguais),  
pois meu ardor não curais,  
que se cure vosso ardor.  
15 Eu cá sinto a vossa dor  
e, se vós sintis a minha,  
dai e tomai a mezinha.

O mote, do próprio Camões, sintetiza lapidarmente toda a composição: ele seria o remédio que curaria a febre da dama, se esta quisesse curar a febre que ele sente por ela.

Ed. pela 1.<sup>a</sup> vez em 1595.

---

**Notas**

V. 2 — mezinha — *remédio*.

V. 13 — pois — *já que*; não curais — *não tratais*.

V. 13-14 — ardor — *tomado no duplo sentido de paixão e febre*.

*Olhai que dura sentença*

Estâncias a outra dama doente.

Olhai que dura sentença  
foi Amor dar contra mi:  
que, porque em vós me perdi,  
em vós me busca a doença.

5 Claro está  
que em vós só me achará;  
que em mim, se me vem buscar,  
não poderá mais achar  
que a forma do que fui já.

10 Que se em vós Amor se pôs,  
Senhora, é forçado assi  
que o mal, que me busca a mi,  
que vos faça mal a vós.  
Sem mentir,

15 Amor me quis destruir  
por modo nunca cuidado,  
pois vos há-de ser forçado  
pesar-vos de vos servir.

Mas sois tão desconhecida  
20 e são meus males de sorte  
que vos ameaça a morte,  
porque me negais a vida.

Se por boa  
tal justiça se pregoa,  
25 quando desta sorte for,  
havei vós perdão d' Amor,  
que a parte já vos perdoa.

Mas o que mais temo, enfim,  
é que nesta diferença  
30 que se não torne a doença,  
se me não tornais a mim.  
De verdade  
que já vossa humanidade  
de que se queixe não tem:  
35 pois para as almas também  
fez Amor enfermidade.

Ao contrário de outros poemas dirigidos a damas doentes, este é muito mais que um galanteio ou simples acto de cortesia. É uma mensagem dramática, cujo sentido essencial se resume nos quatro primeiros versos. A destinatária está doente, e isso resulta de que o Poeta lhe deu a alma; e quando, portanto, a doença (no sentido de dor — sofrimento) o procura a ele, é nela que faz sentir os seus efeitos. Todo o desenvolvimento — de modo especial as estrofes reveladas por Juromenha, que se transcrevem em nota — sugerem que o Poeta atravessava um transe particularmente doloroso da sua vida, e culpa a amada da situação em que se encontra. Essa situação parece ter sido causada por ela, e é dela que espera a salvação. Tudo isto pode ter sentido figurado e conter-se nos limites dos lugares-comuns do tempo; mas pode também representar um apelo a alguém, de quem a sua sorte, e talvez a sua vida, estavam dependentes.

Ed. pela 1.<sup>a</sup> vez em 1595.

*Nota* — No manuscrito utilizado pelo visconde de Juromenha, (Cf. Visconde de Juromenha, OBRAS DE LUÍS DE CAMÕES, IV, p. 443), o poema vem, a partir da segunda estrofe, com um desenvolvimento diferente. Embora algumas estrofes apareçam estropiadas, talvez em resultado de cópias sucessivas, no seu conjunto a versão de Juromenha tem uma unidade lógica e temática que faltam ao texto publicado na 1.<sup>a</sup> edição. Designadamente, à última estrofe da versão publicada em 1595 está deslocada de qualquer contexto, o que sugere que as estrofes anteriores foram suprimidas, talvez por excessivamente autobiográficas. A autenticidade da versão publicada por Juromenha não tem sido admitida, fundamental-

mente por se pensar que os elementos por ele descobertos foram recolhidos por Faria e Sousa. O problema está em aberto e basta isso para que a publicação das estrofes da versão Juromenha se justifique. Em favor da sua atribuição a Camões milita o facto de, na versão do Cancioneiro de Cristóvão Borges, figurar a quadra final da versão Juromenha, acrescida de cinco versos que completam a estrofe, que assim passa a ser constituída, como todas as outras do poema, por nove versos.

Transcrevemos a seguir as estrofes constantes do manuscrito de Juromenha:

Que, se em vós estou trocado,  
o mal que mal me quiser,  
para me n'alma doer,  
em vós há-de ser mostrado.  
Nem m'espanto  
que me queirais mal, enquanto  
querer-vos menos não posso.  
Pois, Senhora, ser tão vosso  
me tem já custado tanto!

D'outra parte, quem duvida  
ser tão alta minha sorte  
que vos ame até à morte?  
Porque me negais a vida,  
se pagais  
nisso a morte que me dais?  
Oh, não me sejais esquiva!  
Não por que eu, Senhora, viva;  
mas para que vós vivais.

Que tanto mais qualquer dano  
vosso que o meu sentiria,  
quanto é maior a valia  
d'alma que do corpo humano.  
De verdade  
que já vossa humanidade  
de que se aqueixe não tem:  
pois para as almas também  
fez amor enfermidade.

Se a verdade dizer posso,  
estar doente convinha;  
vós não, que sois alma minha,  
eu si, que sou corpo vosso.

No Cancioneiro de Cristóvão Borges, esta estrofe é completada pelos cinco versos que seguem:

Se esta afronta  
quis Amor levar em conta,  
posso dizer em tal termo  
que o espírito é o enfermo,  
que a carne está firme e pronta.

---

#### Notas

V. 9 — *Pois que a alma vive na mulher amada, o corpo é um envólucro vazio, uma simples forma.*

V. 10-13 — *Se me amais, não podereis deixar de sofrer com o meu sofrimento.*

V. 14 — *Sem fingimento poético* — Cf. *Lusíadas*, V, est. 23; o soneto «*Conversação doméstica afeiçoada*», v. 12-14; e ainda a *Canção X*, os três últimos versos da última estrofe. Registe-se que, neste poema, Camões insiste nessa nota de veracidade: sem mentir, de verdade, de verdade.

V. 17-18 — *E possível que o sentido seja: a amada será forçada a sentir desprazer por o Poeta a servir, e isso porque o Amor o quis destruir de uma forma que ele não esperava, ou antes, de uma forma impensável.*

No Canc. de Cristóvão Borges, no lugar do v. 17 lê-se: «*pois me há desesforçado*».

V. 19 — desconhecida — ingrata.

V. 23-27 — *Se chega a consumir-se o perigo que ameaça o Poeta (e que se relaciona com a justiça), a amada terá o perdão do Amor, visto que o perdão dele (a parte, no sentido do interveniente do processo) já ela o tem.*

V. 29 — diferença — contenda.

V. 30-31 — tornar — no sentido, hoje em desuso, de curar e também no de restituir.

V. 32-36 — *Não se descobre a relação destes cinco versos com o contexto anterior. Na versão Juromenha, o sentido aparece claro.*

*Deu, Senhora, por sentença*

A outra dama, que estava também doente.

**MOTE**

**Deu, Senhora, por sentença  
Amor que fôsseis doente  
para fazerdes à gente  
doce e fermosa a doença.**

**VOLTAS**

5 Não sabendo Amor curar,  
foi a doença fazer  
fermosa para se ver,  
doce para se passar.  
Então, vendo a diferença  
10 que há de vós a toda a gente,  
mandou que fôsseis doente  
para glória da doença.

E digo-vos, de verdade,  
que a saúde anda envejosa,  
15 por ver estar tão fermosa  
em vós essa enfermidade.  
Não façais logo detença,  
Senhora, em estar doente,  
porque adoecerá a gente  
20 com desejos da doença.

Que eu, por ter, fermosa Dama,  
a doença que em vós vejo,  
vos confesso, que desejo  
de cair convosco em cama.  
25 Se consentis que me vença  
este mal, não houve gente  
de saúde tão contente  
como eu serei da doença.

O mote, ao qual Camões acrescenta o sal do seu humor atrevido e muito ao gosto da época, resume todo o sentido das redondilhas.

Ed. pela 1.<sup>a</sup> vez em 1595.

---

Notas

V. 17-18 — Não deixeis de estar doente; não vos cureis.

V. 25-26 — Se permitis que me deixe vencer por esse mal, que é a doença (mas que é também o desejo de cair com a dama na cama).